

# História Ambiental



Série Caderno de Educação Ambiental – 1

Programa de Educação Ambiental para a Sustentabilidade  
da Superintendência de Recursos Hídricos (SRH/Semarh)



# História Ambiental

Série Caderno de Educação Ambiental - 1

Programa de Educação Ambiental para a Sustentabilidade  
da Superintendência de Recursos Hídricos (SRH/Semarh)

Salvador, 2007

Governador do Estado da Bahia  
Jaques Wagner

Secretário de Meio Ambiente e Recursos Hídricos  
Juliano de Sousa Matos

Superintendência de Recursos Hídricos  
Diretor-Geral  
Julio Cesar de Sá da Rocha

Diretor Adjunto  
Vitor Luis Curvelo Sarno

Diretor de Ação Regional  
Leib Carteado Crescêncio dos Santos

Diretor Administrativo e Financeiro  
Sóstenes Florentino da Silva

Diretora de Engenharia  
Elizabeth de Souza Barbalho

Diretor de Regulação  
Luiz Henrique Pinheiro Silva

Texto  
Luiz Antônio Ferraro Junior

Revisão de Conteúdo  
Ada Assunção, Caroline Midlhey, Golde Stifelman, Luzinaldo Passos, Vanja Brito e Vladimir Oganauskas.

Revisão Ortográfica  
Claudia Oliveira e Letícia Belém

4

www.srh.ba.gov.br  
peas@srh.ba.gov.br  
+ 55 71 3116.3200

Esta publicação foi produzida em abril de 2007, em Salvador/Bahia utilizando-se fontes Rotis Sans Serif 12/15,5 sobre papel reciclado 90g/m<sup>2</sup>.

Projeto gráfico e Produção gráfica Marcia Meneses  
Ilustração Danilo Risada  
Impressão Gráfica Contraste

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-Compartilhamento pela mesma Licença 2.5. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br/> ou envie uma carta para Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA.

S959h Superintendência de Recursos Hídricos. Bahia.  
História ambiental. – Salvador: Superintendência de Recursos Hídricos, 2007.  
16 p. il. – (Caderno de Educação Ambiental, 1)

Programa de Educação Ambiental para Sustentabilidade da Superintendência de Recursos Hídricos (SRH/SEMARH)

ISSN 1981-6154

1. História ambiental. 2. Educação ambiental. I. Título.

CDU 94:504.03

# Apresentação

É com grande satisfação que a Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Semarh) salienta a relevância da educação ambiental como instrumento da gestão pública.

O lançamento do Programa de Educação Ambiental para a Sustentabilidade (PEAS) expressa o papel da Superintendência de Recursos Hídricos (SRH) em conscientizar, capacitar e mobilizar a sociedade pelo uso racional da água, o aproveitamento e o desenvolvimento de habilidades necessárias à proteção ambiental e melhoria da qualidade de vida.

Juliano Matos  
Secretário de Meio Ambiente e Recursos Hídricos

Apresentamos a você o primeiro caderno do Programa de Educação Ambiental para a Sustentabilidade (PEAS). O PEAS começa a ser implantado como resultado da aplicação da Lei de Educação Ambiental (Lei Federal 9.795/99), das diretrizes do Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA), das experiências da Diretoria de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente (DEA/MMA), dos resultados da 1ª e 2ª Conferências Nacionais (2003 e 2005) e da 1ª Conferência Estadual de Meio Ambiente (2005) e dos compromissos assumidos no Programa do Governo Wagner.

Por sua vez, a abordagem do caderno revela uma opção pelo diálogo e pela compreensão de que o conhecimento incorpora os saberes populares e científicos. As comunidades tradicionais, os pescadores, os caatingueiros, os ribeirinhos, os quilombolas, as comunidades indígenas, os criadores de fundo de pasto e os pequenos agricultores têm muito a contribuir com o processo educativo.

A responsabilidade pela proteção das águas é de todos e todas e os Comitês de Bacia são as instâncias apropriadas para a defesa do rio, da nascente, da lagoa, da cultura e dos modos de vida das pessoas que lidam com as águas. O convite está feito. Venha colaborar na construção de uma gestão ambiental participativa.

Julio Rocha  
Diretor-Geral da SRH



# Introdução

## COMPANHEIRAS E

## COMPANHEIROS DO PEACS

Vocês, que nesses últimos tempos se envolveram com o Programa de Educação Ambiental e Comunicação Social (PEACS) promovido pela SRH, são nossos convidados mais que especiais para continuarem nesta construção, que é de todos nós, com o novo Programa de Educação Ambiental para a Sustentabilidade (PEAS). A construção da qualidade ambiental e de vida nas Bacias Hidrográficas é o desafio da SRH. O programa PEAS é um dos caminhos para que a SRH consiga articular-se com as cidadãs e os cidadãos de toda a Bahia e apoiar aquelas e aqueles que se engajam em atividades de educação ambiental, comunicação social, educação popular, nos movimentos sociais, nos sindicatos, nas organizações não-governamentais (ONGs), nas escolas, nas prefeituras e em outras entidades públicas ou privadas.

Este material se destina a todas e todos educadores ambientais da Bahia, engajados em processos de transformação da sociedade e do ambiente por uma melhor qualidade de vida para todas as pessoas. Educadoras e educadores ambientais estão nesta luta e atuam nos movimentos sociais, nas organizações não-governamentais (ONGs), no governo, nas escolas e em espaços de participação política como os Comitês de Bacia - o parlamento das águas. Prioritariamente, estes cadernos chegarão às mãos das educadoras e educadores ambientais atendidos pelo Programa de Educação Ambiental para a Sustentabilidade (PEAS) e dos membros dos Comitês das Bacias Hidrográficas.

O PEAS, assim como este material, visa apoiar a articulação, formação, reflexão e ação civil de educadoras e educadores ambientais sem, de forma alguma, engessá-las ou determiná-las. A educação ambiental é rica pela diversidade de histórias de vida que nela se articulam. Cadernos como este podem contribuir para subsidiar e estimular a articulação destas pessoas na criação de conhecimento novo, significativo, aplicado e voltado à transformação do mundo, começando pelo seu pedaço, pelo seu município, pela sua bacia.

Isso posto, não é de se estranhar que um programa de objetivos ousados como o PEAS apresente um material simples como este. Não estar carregado de conteúdos técnicos e científicos, além do que seria necessário, é natural frente à metodologia que está proposta. O PEAS quer promover a construção coletiva e deseja encontrar, animar e reunir em movimento toda a riqueza do povo da Bahia, pelas nossas águas, florestas, gente, e por tudo o que prezamos nesta terra.

Fica assim o convite para que você sinta-se co-autor deste material. Você e o grupo com o qual atua, perto da sua moradia, no seu contexto de trabalho ou de lazer. Esta *Série de Caderno do PEAS* é dividido em vários números e cada caderno trabalha um tema, contendo:

1. Apresentação geral do tema;
2. Propostas para pesquisas locais relacionadas ao tema;
3. Provocações para debates coletivos;
4. Incitação ao planejamento, tomada de decisão e ação individual e coletiva;
5. Sugestões para continuar buscando informações sobre o tema.

Não há um número pré-definido de cadernos a publicar, pois são ilimitadas as temáticas pertinentes para a área sócio-ambiental de interesse dos educadores ambientais. O material inicia-se com cadernos já preparados pela SRH. Outros estão sendo desenvolvidos e aceitamos sugestões de melhorias e de temáticas para novos cadernos. A construção de cada grupo sobre cada tema deve buscar as mais diversas fontes de informação (a população, os meios de comunicação, os técnicos da área, as diferentes opiniões e diferentes formas de registro (livros, fotos, vídeos, recortes de jornal, relatos pessoais, documentos oficiais, internet) e gerar diferentes coleções (biblioteca, fototeca, videoteca, hemeroteca, infoteca). Conforme os diferentes grupos forem trabalhando as temáticas; eles devem enviar ou inserir diretamente suas contribuições para um Portal que está em desenvolvimento e cujos detalhes serão divulgados nos próximos cadernos. Fiquem ligados e participem!

Alguns dos temas já previstos para os próximos cadernos são: Água; Degradação Ambiental; Gestão das Águas; Mudanças Climáticas; Desertificação; Controle Social; Justiça Ambiental; Economia Solidária, Saneamento, Plano de Recursos Hídricos e Racionalização do Uso da Água na Indústria e na Agricultura.

# História Ambiental

Todos os lugares do Brasil possuem uma história muito anterior à chegada dos europeus. Essa parte da história que é escrita em português, que tem pouco mais de 500 anos, é, infelizmente, a única sobre a qual ouvimos na escola. Bem antes dessa parte da história, as teorias dizem que há uns 50 mil anos, diversos povos, com milhares de línguas, costumes e conhecimentos diferentes, viviam por aqui.

## VOCÊ SABIA?

Que no Brasil viviam diferentes povos, mas que todos foram igualmente denominados de índios? Que havia quatro grandes nações indígenas (Tupi, Jê, Aruaque e Caraíba)? As estimativas sobre a população à época variam muito, mas de acordo com as mais aceitas havia, provavelmente, entre um e três milhões de pessoas? Que Portugal, à época, tinha pouco mais de um milhão de pessoas? Que ainda há muitas dezenas de línguas faladas?

E na sua região?

Tente descobrir qual etnia vivia na sua região.

O que você sabe sobre esse povo?

Como eles viviam? Como eles desapareceram?

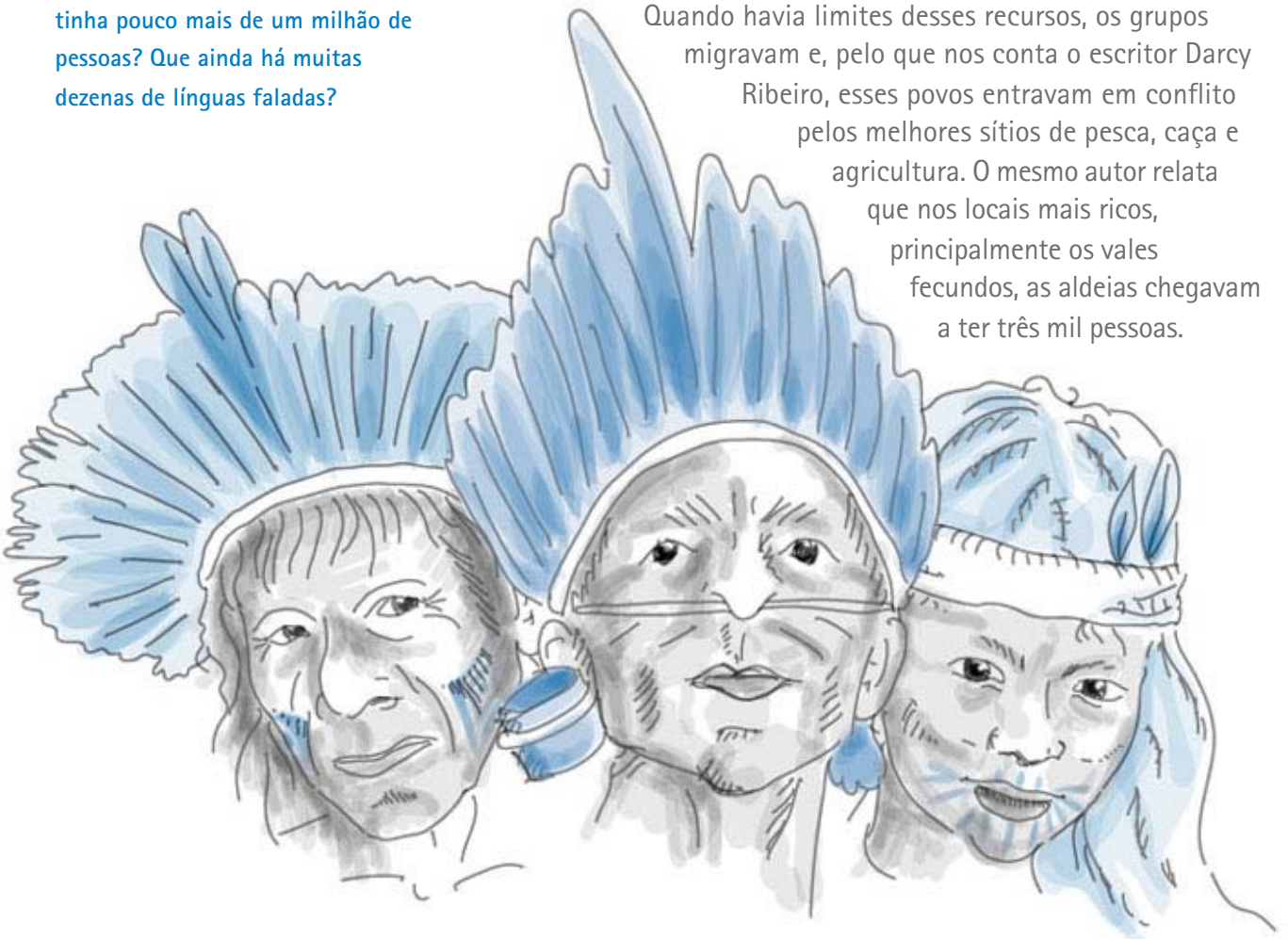
Ainda existem descendentes desses grupos?

Há indígenas na sua região?

Quais conhecimentos e costumes desses povos e comunidades se incorporaram ao dia-a-dia da sua região?

Em parte, o desenvolvimento desses povos tinha grande relação com a dinâmica das águas, que influenciava as práticas agrícolas, o comportamento da caça e a atividade pesqueira.

Quando havia limites desses recursos, os grupos migravam e, pelo que nos conta o escritor Darcy Ribeiro, esses povos entravam em conflito pelos melhores sítios de pesca, caça e agricultura. O mesmo autor relata que nos locais mais ricos, principalmente os vales fecundos, as aldeias chegavam a ter três mil pessoas.





A primeira fase da ocupação portuguesa das terras da Bahia teve relação com o extrativismo das riquezas da Mata Atlântica e uma segunda fase com a produção canaveira no Recôncavo, nos séculos XVII e XVIII. As áreas menos secas eram ocupadas com cana e engenhos. O sertão era ocupado com a produção de gado para alimentar esses mesmos engenhos e Salvador crescia como capital da colônia.

Além dos povos que aqui habitavam, foram trazidas quatro milhões de pessoas escravizadas, que pertenciam a tribos africanas diversas. Os primeiros vieram da Guiné, Angola e da Costa da Mina. De Angola e do Congo, vieram negros de língua banto, conhecidos por nomes geográficos e tribais, caçanjes, benguelas, rebolos, cambindas, muxicongos. Da região hoje chamada de Moçambique, vieram poucos, chamados macuas e angicos. Da Costa da Mina, vieram os nagôs, jêjes, fantis e axantis, gás e txis e do Sudão islamizado, hauças, kanuris, tapas, grúfis, fulas e mandingas. Alguns escravos fugiam para se libertar e moravam em quilombos, muitos dos quais existem até hoje.

A dinâmica, a forma e os objetivos da ocupação das terras mudaram radicalmente. Essa ocupação foi organizada por um projeto com os olhos voltados para a Europa, consumidores do açúcar e das outras riquezas aqui obtidas. Os suores e as águas que escorriam pelas terras da Bahia não eram vertidos para benefício do povo baiano, mas para alimentar outros povos.

"A cada passo, encontramos e sentimos os vestígios deste sistema que reduz um belo país tropical ao aspecto das regiões onde se esgotou a força criadora da Terra... Onde quer que se a estude, a escravidão passou sobre o território e os povos que a acolheram como um sopro de destruição."  
Joaquim Nabuco (1883), citado por José Augusto Pádua (2002), no livro *Um sopro de destruição*.



10

E na sua região?  
Como começou a ocupação colonial?  
Qual foi o objetivo desta ocupação?  
Houve escravização indígena?  
Foram trazidos escravos?  
De qual região da África?

Como se conseguiu que todos os sinos dobrassem, todas as águas corressem e todos os suores vertessem para uma só direção? A resposta para isso não é simples, mas todos nós sabemos (menos do que deveríamos) da história da escravidão, da violência que mantinha o sistema funcionando, das hierarquias, dos feitores. O Estado brasileiro não existia senão como uma filial da coroa portuguesa. O Brasil existiu, por mais de 300 anos de ocupação portuguesa, como mero projeto econômico servindo a interesses estranhos aos da conservação do meio ambiente, à qualidade de vida da população que aqui habitava, ou pelo menos da sua maioria.



Se quiser ler o texto de la Boetie, procure-o na unidade da Superintendência de Recursos Hídricos (SRH) mais próxima (veja contatos e endereços no final), ou busque-o na internet.



A história ambiental é um campo relativamente novo, ainda que encontremos registros da crítica aos processos de degradação da natureza desde a Roma antiga. O livro mais importante publicado no Brasil talvez seja o de José Augusto Pádua: *A Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786–1888)*. O esforço desse autor nos orienta para buscarmos conhecer as histórias de nossas regiões. É muito interessante assistir ao vídeo de história ambiental *O Vale*, do mesmo autor. Livros e vídeos citados nestes Cadernos poderão ser encontrados nas unidades da SRH mais próxima de você.

No texto *Discurso da Servidão Voluntária*, escrito em 1520 por Etienne la Boetie, esse jovem, de mais ou menos 20 anos, se perguntava: "Por que os servos, sendo tantos, obedecemos aos tiranos, sendo estes tão poucos?"(sic). A pergunta não é menos brilhante do que a resposta do autor: "Porque ao fazê-lo, ganhamos um pouco do seu poder (do tirano)!". E assim funcionava a Bahia, casas de senhores ganhavam um pouco do poder da coroa em troca de continuar a fazer a roda da exploração girar. Dentro dessas casas grandes, toda uma cadeia de hierarquias chegava até os escravos e aos homens livres que efetivamente produziam as riquezas.

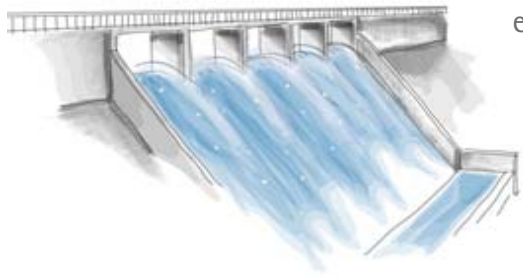


**Isso mudou tanto assim?  
Como está, atualmente, organizada a produção na sua região?**

Toda história reflete as relações entre as pessoas, os poderes, os costumes e a organização da distribuição das riquezas. Mas muitas vezes, esquecemos que toda a história humana, além de social, é também história ambiental. Até bem pouco tempo, atrás esquecemos de buscar e contar a história do ambiente, assim como a história contada é sempre a dos vencedores. Na história das grandes conquistas, dos grandes impérios, das grandes guerras, normalmente nos esquecemos dos soldados, das mulheres, das famílias desfeitas, daqueles que no dia-a-dia produziam as riquezas pelas quais se lutavam, dos que tinham que recuperar a terra arrasada e os que preparavam os banquetes das vitórias. Nessas histórias, também não se conta a degradação ambiental que arrancou as riquezas de um lugar levando-a aos dominadores deixando para trás só pobreza. O esforço da história ambiental está em entender a influência das características ambientais no fluxo da história humana e as mudanças provocadas pela ação humana no ambiente.

Quando falamos de história ambiental, estamos nos referindo diretamente às modificações ambientais induzidas por processos humanos. A história ambiental é influenciada pelos objetivos da ocupação de uma região, pelas tecnologias, pela distribuição das terras, pela intensidade de consumo das riquezas naturais e produzidas.

Não existe natureza intocada, mata virgem, ambiente que seja independente dos efeitos das ações humanas. As pessoas sempre transformam o ambiente seja pela caça, pela pesca, pela coleta, pelo fogo, pela agricultura, pela formação das cidades, pela



extração de minérios, pelas fábricas ou pelo nosso transporte. Dizer que o ser humano destrói o meio ambiente é um grande erro. O certo seria dizer que a maioria absoluta dos atuais processos de produção de bens e serviços da humanidade, em função de seu grande poder transformador e em função da grande desigualdade econômica e social, leva a muita degradação ambiental.

É importante entender a atual destruição ambiental à luz da história. Se não fizermos assim, vamos acabar tendo a triste conclusão de que nós humanos não somos bons para viver no nosso planeta ou a idéia equivocada de que todo mundo é igualmente responsável pela degradação ambiental.

Para entendermos melhor este momento da história ambiental, é bom refletirmos sobre dois aspectos que foram se modificando:

## 1. A evolução das tecnologias

A maior parte da história humana está no que chamamos de pré-história. Nessa parte da história, os humanos não desenvolviam potência (energia/tempo) maiores que um cavalo, ou seja, nosso poder modificador era muito pequeno.

Até a primeira metade do século XIX, não tínhamos desenvolvido motores e nossas potências maiores estavam associadas a máquinas eólicas (movidas pelo vento) e hidráulicas (pela água) com pouco mais de 20 cavalos (unidade de potência: cv ou hp...).

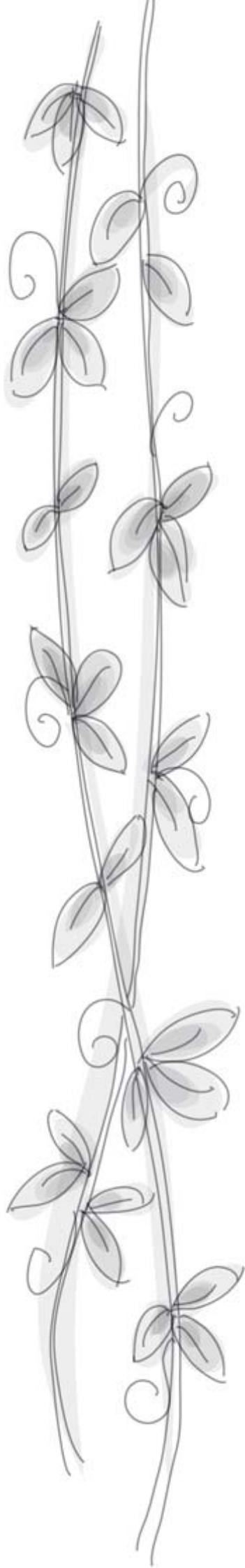
Toda degradação ambiental ocorrida até esse período levava muitos anos para acontecer e, em geral, estava associada a desmatamentos contínuos, agricultura sem descanso e irrigação de grandes áreas. Desastres ambientais ocorriam pela força de vulcões, furacões, terremotos, enfim, a força da natureza era mais devastadora e mais potencialmente transformadora em curtos espaços de tempo do que a humana.

Isso mudou muito nos séculos XIX e XX e, principalmente, na segunda metade do século XX, quando passamos a desenvolver potências de milhões de cavalo-força. Hoje, nossas tecnologias podem destruir montanhas inteiras em segundos, barrar rios amazônicos, envenenar oceanos inteiros e tudo isso de forma muito rápida. Infelizmente, esse poder, advindo dessa potência, não veio acompanhado de responsabilidade e do princípio da precaução.



Potência é a grandeza que determina a quantidade de energia concedida por uma fonte a cada unidade de tempo. Em outros termos, potência é a rapidez com a qual uma certa quantidade de energia é transformada. Watt é Potência, é quanto uma máquina pode render em um determinado período de tempo.

$P = \text{Watt (W)}$   
 $1 \text{ CV} = 735 \text{ W de Potência}$   
 $1 \text{ HP} = 746 \text{ W de Potência}$   
CV (Cavalo ou Cavalo Vapor)  
HP (Horse Power)



## 2. A globalização desigual

A globalização é outro fator determinante da história ambiental mais recente e está cada dia mais acelerada pelas tecnologias de transporte e comunicação. A saudável superação das fronteiras e o aumento de contato entre os povos, que cresceu vertiginosamente do final do século XV até os dias de hoje, vieram marcados por processos não tão saudáveis assim como a escravidão, o colonialismo, as guerras, o racismo e o preconceito religioso. Mais modernamente, os *royalties* (dinheiro enviado para o exterior sempre que consumimos produtos de marcas criadas fora do Brasil), as franquias internacionais, a dívida externa, a exploração das vantagens comparativas na competição internacional que muitas vezes significam salários baixos e desatenção à normas ambientais. A globalização se torna um olhar voraz sobre tudo e todos (Leff, 2000), é um processo que se alimenta de trabalho barato e da natureza. O impacto da globalização não seria tão grave se não estivesse associado a uma profunda desigualdade entre hemisférios do mundo (norte-sul), entre países, regiões, cidades e campo. O problema ambiental cresce na medida em que muita natureza é degradada para que riquezas sejam transferidas de um lugar para outro.

A história ambiental que estamos tratando é também a história da percepção humana sobre os recursos naturais. Em cada época, pensamos o nosso entorno de forma diferente. Hoje, estamos preocupados com o aquecimento global e com a escassez da água. Já houve época que isso não nos preocupava, porque acreditávamos que com a possibilidade de trabalho para todos, viveríamos felizes para sempre – desenvolvimento e progresso. Mas vimos que nem todos conseguiram os bons trabalhos prometidos, mas todos sofrerão igualmente as conseqüências da degradação ambiental. Culpar o desenvolvimento tecnológico e a industrialização são justificativas que ouvimos sempre. Mas será que o problema está na ampliação do conhecimento científico ou nas relações que produzimos entre nós para retirarmos dos recursos naturais nossa sobrevivência? Quando falamos de humanidade, precisamos saber que esta humanidade se divide em diversas formas de viver e que sua relação com a natureza é também diversa.



Como era a sua região? A que bioma<sup>1</sup> pertence?  
A que bacia hidrográfica?<sup>2</sup>  
Como foi seu processo de transformação?  
O que foi extraído da sua região e para onde foi levado?  
Quem se beneficiou e quem se prejudicou no  
processo de degradação ambiental?  
Quais os impactos nos rios, nascentes, lagoas,  
açudes e poços?

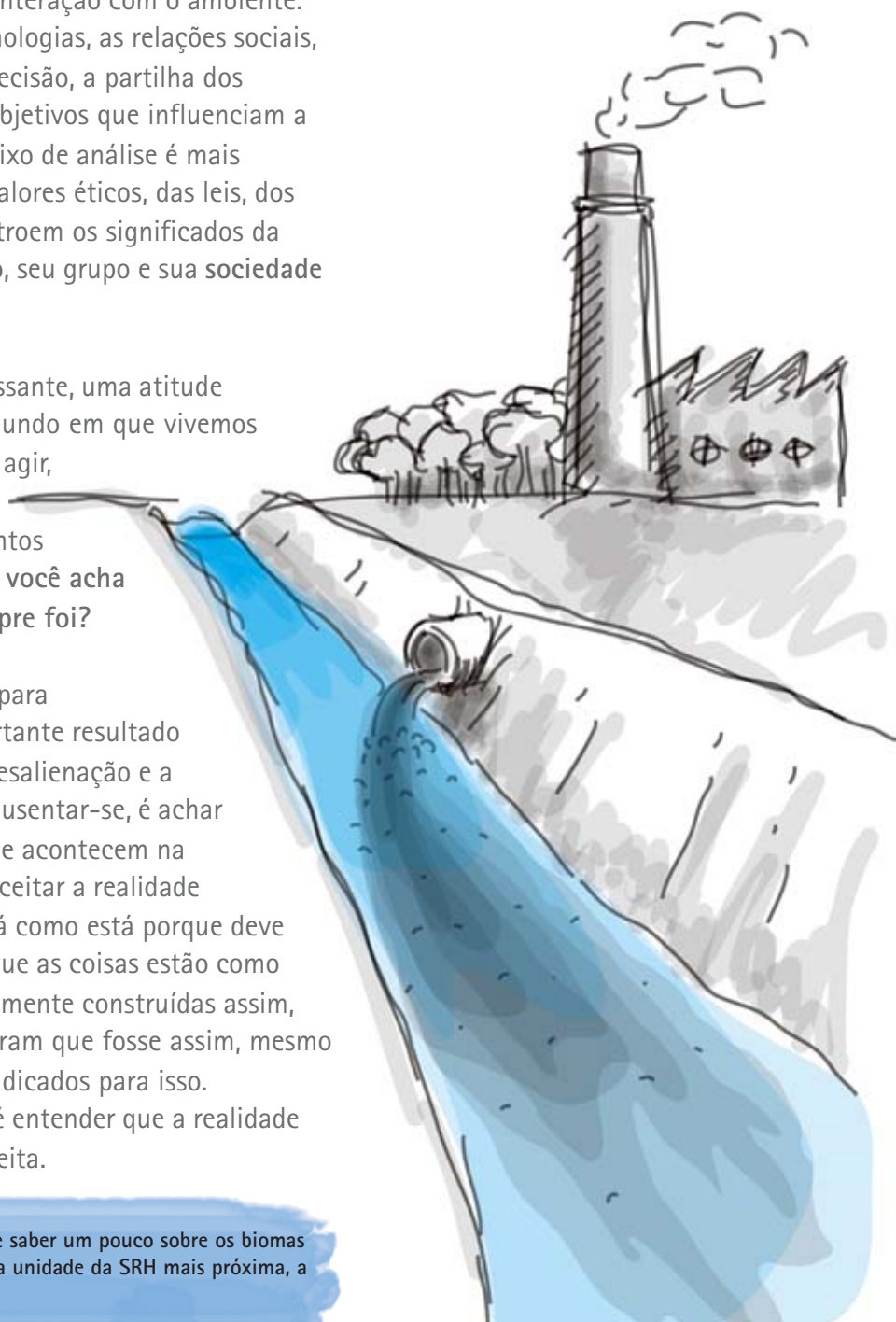
Donald Worster, pesquisador de história ambiental, sugere três eixos de pesquisa e análise em história ambiental. O primeiro aborda a natureza e como funciona sua ecologia, as relações entre as espécies, as dinâmicas naturais. Um segundo eixo reúne os aspectos sociais, econômicos e sua interação com o ambiente. Neste eixo de reflexão, temos as tecnologias, as relações sociais, as divisões no trabalho, o poder de decisão, a partilha dos benefícios e outros aspectos muito objetivos que influenciam a relação com o ambiente. O terceiro eixo de análise é mais abstrato. Trata das percepções, dos valores éticos, das leis, dos mitos e de outros aspectos que constroem os significados da natureza e a forma como o indivíduo, seu grupo e sua sociedade se relacionam com a natureza.

14 Pesquisar a história é, além de interessante, uma atitude política. Buscamos compreender o mundo em que vivemos para que possamos criticar, decidir e agir, individualmente e em nossas instituições, organizações e movimentos sociais para mudarmos a história. Ou você acha que tudo deve continuar como sempre foi?

Neste caderno de história ambiental para educadores ambientais, o mais importante resultado das nossas pesquisas e análises é a desalienação e a ação resultantes. Alienar-se é fugir, ausentar-se, é achar que não faz parte das coisas ruins que acontecem na sociedade, é permitir-se manipular, aceitar a realidade como lhe é dada, achar que tudo está como está porque deve ser assim. Desalienar-se é entender que as coisas estão como estão porque foram social e historicamente construídas assim, porque alguns com mais poder quiseram que fosse assim, mesmo que muitos outros tenham sido prejudicados para isso. Desalienar-se é decidir tomar parte, é entender que a realidade está aí pra ser transformada e não aceita.

<sup>1</sup> Para compreender melhor a noção de Bioma e saber um pouco sobre os biomas da Bahia procure a biblioteca da sua cidade, a unidade da SRH mais próxima, a internet ou aguarde os próximos cadernos.

<sup>2</sup> O mesmo para Bacia Hidrográficas.



## SUGESTÕES DE ATIVIDADES

- ⦿ Realize com seu grupo desenhos com a **evolução histórica da paisagem da região**. Você pode pensar a partir de um grande mapa da região ou escolher um pedacinho só, aquele que vocês mais conheçam. Busquem na memória do grupo informações importantes sobre a transformação do ambiente.
- ⦿ Escreva, coletivamente, uma **versão da história ambiental da região**. A história é uma pequena parte do que ocorreu, são fragmentos da memória sobre alguns fatos. Para escrever a história, é importante procurar dados escritos que possam existir e a memória de pessoas mais velhas.
- ⦿ Os mais velhos conhecem a história da ocupação da região. Alguns são verdadeiras memórias vivas, lembram das memórias dos pais, avós e somaram à sua própria observação da história local. Ao encontrar tais pessoas, valorize-as, registre-as, **faça parte da continuidade da história oral e escrita de sua gente**.
- ⦿ Com tais registros, você e seu grupo podem passar a etapas de análise da história. Da descrição, evoluam para a crítica dos processos históricos. **Quais fatores tecnológicos, agrários, econômicos e sociais contribuíram para a degradação ambiental?**

Os registros produzidos pelos diversos grupos poderão ser inseridos no Portal da SRH de modo georreferenciado.  
Mais informações:  
[www.srh.ba.gov.br](http://www.srh.ba.gov.br)  
[peas@srh.ba.gov.br](mailto:peas@srh.ba.gov.br)

15

## PARA CONTINUAR APRENDENDO

A história ambiental brasileira e a latino-americanas são diferenciadas, pois dão atenção especial aos processos e relações sociais. Grandes estudiosos do Brasil como Darcy Ribeiro, Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda inseriram reflexões sobre a exploração histórica do ambiente e são, sem dúvida, os precursores da história ambiental no Brasil e devem ser lidos. Há ainda os geógrafos Milton Santos e Aziz Ab'Saber e, mais recentemente, historiadores como José Augusto Pádua. Abaixo, apresentamos alguns livros desses autores que merecem ser lidos como aprofundamento em história ambiental:

PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de destruição: pensamento: política e crítica ambiental no Brasil escravagista, 1786-1888*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

PRADO Júnior, Caio. *História e desenvolvimento: a contribuição de historiografia para a teoria e prática do desenvolvimento brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 1ª e 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Milton. *A natureza espaço*. São Paulo: EDUSP, 2006

DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a História e a devastação da Mata Atlântica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DIAMOND, Jared. *Armas, germes e aço: os destinos das sociedades humanas*. São Paulo: Record, 2001.

Para pensar a história ambiental do Nordeste, dois autores são imperdíveis: Gilberto Freyre, na sua obra *Nordeste*, trata capítulos inteiros sobre história ambiental e Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, uma obra clássica, narra o espaço e suas relações com os sertanejos, no contexto da luta em Canudos, Bahia.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.

Na América Latina, um autor importantíssimo, Eduardo Galeano, escreveu um livro que pode ser entendido como uma obra-prima de história ambiental, *As veias abertas da América Latina*.

16

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. 46ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

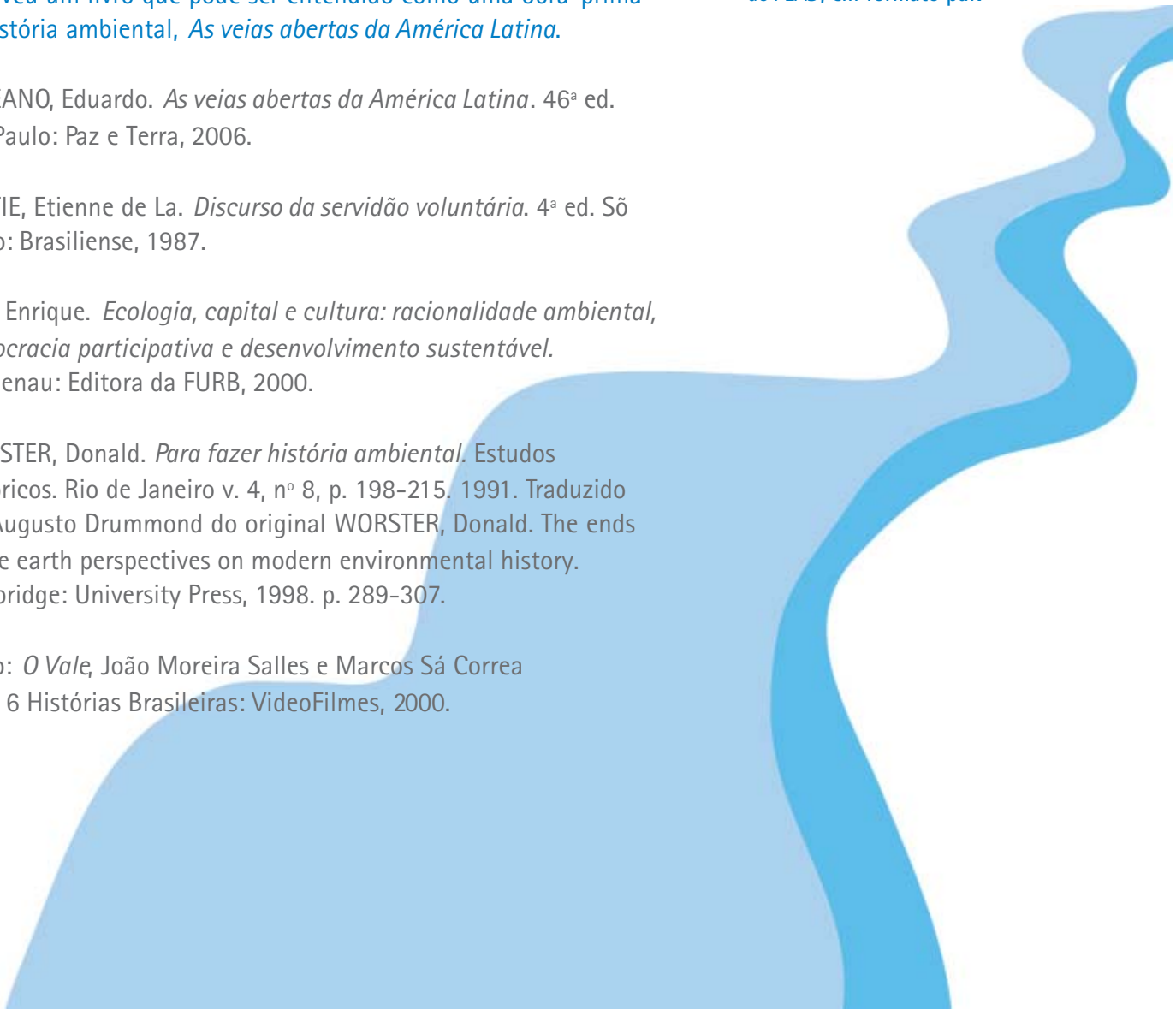
BOETIE, Etienne de La. *Discurso da servidão voluntária*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LEFF, Enrique. *Ecologia, capital e cultura: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável*. Blumenau: Editora da FURB, 2000.

WORSTER, Donald. *Para fazer história ambiental*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro v. 4, nº 8, p. 198-215. 1991. Traduzido por Augusto Drummond do original WORSTER, Donald. The ends of the earth perspectives on modern environmental history. Cambridge: University Press, 1998. p. 289-307.

Vídeo: *O Vale*, João Moreira Salles e Marcos Sá Correa Série 6 Histórias Brasileiras: VideoFilmes, 2000.

Apesar do acesso à Internet ainda não ser uma realidade para todos os cidadãos e cidadãs do nosso país, essa pode ser outra importante fonte de informações. Há muitos projetos de inclusão digital governamentais e não-governamentais que possibilitarão você e seus amigos conhecerem, em breve, o nosso Portal. Lá estarão disponíveis dicas de busca e pesquisa na Rede como, por exemplo, a Wikipedia, a principal enciclopédia colaborativa (<http://pt.wikipedia.org>) e o portal de busca Domínio Público (<http://www.dominiopublico.gov.br>), bem como a versão integral e ilustrada de todos os *Cadernos do PEAS*, em formato pdf.



# As unidades da SRH



## Eunápolis

Loteamento Dinah Borges CEP 49820-970  
Tel. (73) 3261 0217 Fax 3261 0218

## Jequié

Pç. Duque Caxias, s/n Jequezinho CEP 45206-100  
Tel. / Fax (73) 3525 8135

## Itaberaba

R. Praxedes Andrade, 71 Centro CEP 46880-000  
Tel. (75) 3251 1318 Fax 3251 2129

## Senhor do Bonfim

R. 3 Quadra B, s/n Casas Populares 1 CEP 48970-000  
Tel. / Fax (74) 3541-5223

## Juazeiro

Conj. Habitacional 1, 2, 3, e 4 CEP 48900-000  
Tel. (74) 3611 0198 Fax 3611 2867

## Irecê

R. Rio Grande do Sul, 143 Fórum CEP 44900-000  
Tel. (74) 3641 3768 Fax 3641 5119

## Guanambi

R. Olavo Bilac, 45 CEP 46430-000  
Tel. (77) 3451 9009 Fax 3451 9220

## Barreiras

R. Alves Barbosa, 179 CEP 47800-000  
Tel. / Fax (77) 3612 8387

## Santa Maria da Vitória

R. Mariano Borges, BR-349, Km 0 CEP 47640-001  
Tel. / Fax (77) 3483 3536

## Itabuna

R. Ruy Barbosa, 766 Centro CEP 45600-000  
Tel. (73) 3215 3029 Fax 3617 8750

## Salvador

Av. ACM, 357 Itaigara CEP 41825-000  
Tel. (71) 3116 3200 Fax 3355 1400









# PEAS

educação ambiental  
para a sustentabilidade

